

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

17 Mar 2017
21:00 Sala Suggia

—
ANO BRITÂNICO

Michael Sanderling *direcção musical*

Benedict Kloeckner *violoncelo*

1ª PARTE

Frank Bridge

Dance Rhapsody (1908; c.18min)

Howard Blake

Diversões para violoncelo e orquestra

(1985; c.22min)

1. *Prelúdio (Moderato)* –
2. *Scherzo (Vivace)* –
3. *Marcha (Tempo di marcia)*
4. *Valsa (Vivo)*
5. *Ária (Andante espressivo)*
6. *Serenata (Allegretto)*
7. *Sarabanda (Lento non troppo)*
& *Cadência* –
8. *Finale (Vivo)*

2ª PARTE

Dmitri Chostakovitch

Sinfonia n.º 12, em Ré menor, “O Ano de 1917”

(1961; c.40min)

1. *Petrogrado revolucionário* –
2. *Razliv* –
3. *Aurora* –
4. *Amanhecer da Humanidade*



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



PATROCINADORES ANO BRITÂNICO



APOIO ANO BRITÂNICO

É um lugar-comum dizer que o Reino Unido não é um país musical, atribuindo a esta expressão o mesmo sentido de quando se afirma, por exemplo, que Alemanha o é. Para além de ser um lugar-comum é também uma afirmação errada. São, de facto, muito pouco numerosos os sítios onde a música é cultivada com tanto entusiasmo e são também poucos os países que têm conseguido consolidar, ao longo de mais de dois séculos, um mercado musical com comparável dinamismo e solidez. Música, como é evidente, refere-se aqui a um produto cultural e a um conjunto de práticas que não estão condicionadas por critérios de classe ou de distinção de gosto. Com efeito, muitas obras escritas pelos compositores britânicos ao longo do século XX parecem ter obedecido ao princípio de tentar conseguir interpelar o maior número possível de ouvintes. Isto não implica, porém, que o catálogo dos seus autores contenha necessariamente apenas música “fácil”. Na verdade, entreter e agradar são assuntos que podem ser levados muito a sério. No caso da obra de Bridge e de Blake, é também evidente uma atitude flexível, que atinge um certo equilíbrio entre peças destinadas a um público alargado e outras concebidas para audiências mais minoritárias.

As biografias de ambos, apesar da distância de quase seis décadas que separam as suas datas de nascimento, têm ainda em comum, por um lado, o envolvimento com outras profissões musicais diferentes da de compositor para salas de concerto em moldes, por assim dizer, clássicos: Bridge, formado como bolseiro no Royal College of Music, foi violinista e violetista, assim como maestro e professor; por seu turno, Blake desempenhou diversas tarefas no âmbito da indústria britânica do cinema. Por outro lado, a produção concertística de ambos, isto é, a destinada às salas de concerto e, portanto, ao público da

música erudita, liga-se a circunstâncias certamente peculiares. No caso de Bridge, foi providencial o encontro com a mecenas americana Elizabeth Sprague Coolidge em 1922. Até ao seu falecimento, ocorrido em 1941, contou com o seu apoio financeiro, o que lhe permitiu dedicar-se em exclusivo à composição. Blake fez algo bastante diferente: em 1970, abandonou durante cinco anos o seu bem-sucedido percurso no âmbito da música comercial para se dedicar a desenvolver um estilo próprio de música de concerto.

Frank Bridge

BRIGHTON, 26 DE FEVEREIRO DE 1879

EASTBOURNE, 10 DE JANEIRO DE 1941

Dance Rhapsody

Dance Rhapsody data de 1908. Bridge estava então ainda vinculado ao mundo profissional do quarteto de cordas, mas já se tinha tornado evidente a sua vontade de enveredar pelo caminho da composição e de ampliar o seu catálogo com a escrita de obras orquestrais. Nesta época, aliás, já tinha tido as suas primeiras experiências como maestro, o que tem seguramente alguma coisa que ver com o carácter instrumentalmente espectacular desta rapsódia e com a sua contagiante vitalidade rítmica. Estes dois elementos combinam-se na obra, a qual toma como referência evidente um dos compositores mais admirados na altura: Piotr Ilitch Tchaikovski, cujo famoso bailado, *O Lago dos Cisnes*, é citado. É ainda possível assinalar uma certa proximidade entre *Dance Rhapsody* e o universo sonoro de Richard Strauss, embora seja também necessário assinalar que a peça do autor alemão em que, tal como em *Dance Rhapsody*, a valsa tem um protagonismo

absoluto – a ópera cómica *Der Rosenkavalier* – seria estreada em 1911, isto é, três anos depois. Bridge parece querer contrapor ambientes sonoros complementares, unidos pelo impulso rítmico próprio da dança, assim como por uma expressividade elegante e optimista. Começa com uma secção de carácter heróico, onde os metais, as trompas em particular, têm grande protagonismo, à qual se sucedem mais duas secções em tempo ternário. A delicadeza da segunda delas, em tempo de valsa, é certamente sedutora e constitui um dos momentos mais felizes da composição.

Howard Blake

LONDRES, 28 DE OUTUBRO DE 1938

Diversões para violoncelo e orquestra

Se *Dance Rhapsody* foi o resultado das primeiras incursões de um instrumentista profissional no domínio da composição, *Diversions* foi o resultado da colaboração de um compositor profissional com um instrumentista, neste caso, da colaboração de Blake com Maurice Gendron, considerado um dos mais importantes violoncelistas do século passado e que, curiosamente, fez a sua estreia acompanhado ao piano por Benjamin Britten, aluno de Frank Bridge. *Diversions* teve uma versão prévia, para violoncelo e piano, já concebida como uma suite, o que remete logo para o antecedente ilustre das suites para violoncelo solo de Johann Sebastian Bach, transformadas por Pablo Casals em peças incontornáveis do repertório para o instrumento. Seguindo a sugestão de Gendron, Blake adicionou um novo *finale*, ampliou alguns dos andamentos e escreveu uma espectacular cadência. O violoncelista orientou ainda Blake no sentido de extrair, nas

suas palavras, o “máximo efeito e virtuosismo de cada aspecto do violoncelo”.

O violoncelo trata-se, com efeito, de um objecto sonoro particular, cuja personalidade se destaca pela nobreza e expressividade. Afirma-se habitualmente que é o instrumento mais próximo da voz, e esse é um dos traços que Blake melhor explora na sua obra – logo nos primeiros compassos, por exemplo, ou mais à frente na *Ária*. A escrita instrumental desta obra é muito diversa e exigente. Para além dessa especial qualidade vocal, que requer do instrumentista um fraseio impecável e que aqui se estende a todos os registos, a partitura usa uma ampla gama de diferentes técnicas e efeitos que contribuem para que se possa escutar uma variada paleta de cores na parte solista. Deixa igualmente espaço para o puro virtuosismo, como por exemplo no *Vivo* com que se inicia o último andamento, repleto de rápidas escalas, saltos e cordas duplas.

Cabe, finalmente, assinalar que Benedict Kloeckner é um aplaudido intérprete de *Diversions*, com a qual foi proclamado em 2010 vencedor do concurso de novos talentos organizado anualmente pela União Europeia de Radiodifusão (UER). O jovem violoncelista gravou, em 2015 e juntamente com o compositor, a segunda versão para violoncelo e piano da obra que resultou da colaboração entre Blake e Gendron.

TERESA CASCUDO, 2017

Dmitri Chostakovitch

SÃO PETERSBURGO, 25 DE SETEMBRO DE 1906

MOSCOVO, 9 DE AGOSTO DE 1975

Sinfonia n.º 12, em Ré menor, “O Ano de 1917”

Dualidade é a palavra-chave que aparece na maior parte dos discursos sobre o compositor Dmitri Chostakovitch. O seu carácter pessoal parece ter sido um tanto instável, oscilante entre a euforia e a depressão. Patente desde a sua juventude, tornou-se ainda mais no momento em que, a partir de 1934, em plena época de terror estalinista, o poder político começou a intervir de forma directa na criação musical. Os artistas foram colocados numa posição muito exposta, já que Estaline acreditava na sua capacidade para influenciar as massas através dos princípios do “realismo socialista”. O objectivo era “descrever a realidade no seu desenvolvimento revolucionário” em obras artísticas que estivessem em consonância com a “época”. A partir de meados da década de 30, e até ao fim da sua vida, Chostakovitch aprendeu a viver nesse ambiente asfíxiante, dividido entre uma prática pública e outra privada, entre a pressão totalitarista e as suas próprias necessidades enquanto ser humano e artista.

A história da composição e recepção da Sinfonia n.º 12 é uma das que, de forma mais evidente, retrata a faceta de compositor de partido assumida por Chostakovitch após ter sobrevivido às purgas da década de 30 e, ainda, de ter desenvolvido a sua actividade musical sob o chamado decreto Jdanov, fundamento da política cultural da União Soviética entre 1948 e 1958. Conforme detalha Laurel E. Fay na sua documentada biografia do compositor, publicada em 2005, a composição desta sinfo-

nia está ligada à comemoração do 90º aniversário do nascimento de Lenine, celebrado em 1960. Assim, no Verão de 1959, Chostakovitch declarou na rádio oficial estar a pensar numa obra ambiciosa que reflectisse a “poderosa imagem do maior homem da nossa complexa história”. Sabe-se, igualmente, que foi protegendo a composição até ao momento em que, já em 1960 (o ano em que ingressou no PCUS), o tema eleito para o congresso anual do Sindicato de Compositores Russos foi “Lenine, o Partido, o Povo”. Em Outubro desse ano, a homenagem a Lenine estava, no que diz respeito ao processo composicional da obra, ligada aos acontecimentos de Outubro de 1917, conforme relatou à rádio: “Concebi o primeiro andamento como uma descrição da chegada de Lenine a Petrogrado em Abril de 1917 e do seu encontro com as massas, as classes trabalhadoras de Petrogrado. O segundo andamento reflecte os acontecimentos históricos do 7 de Novembro. O terceiro refere a Guerra Civil, e o quarto, a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro.” Obviamente, dada a sua origem, estas afirmações falam-nos mais acerca do aparato de propaganda da União Soviética e da participação de Chostakovitch no mesmo do que propriamente sobre as suas opiniões pessoais sobre a Sinfonia.

O plano geral desenvolve-se convencionalmente – e quase cinematograficamente – até ao (exageradamente?) enfático *finale*, onde o amanhecer da humanidade se confunde com a vitória musical do motivo de Lenine. Porém, o que parece ter realmente inspirado o compositor é, por um lado, a relação entre o “herói soviético” e o “povo” e, por outro, a evocação de sucessivos quadros alegóricos com suposta base histórica (*Petrogrado revolucionário*; *Razliv*, o nome da base secreta de Lenine; *Aurora* ou o barco que colaborou na revolução;

e *Amanhecer da Humanidade*) que, na realidade, não tem o detalhe jornalístico que as declarações antes citadas pareciam anunciar. Estas duas fontes de inspiração ligam-se aos dois temas principais da Sinfonia, enunciados no primeiro andamento pelas cordas graves, e também à citação de canções patrióticas ou de obras anteriores do próprio compositor. Analisado em detalhe, o brilhante cartaz propagandístico parece apresentar alguns rasgões. Repare-se, como exemplo, no tratamento do material temático inicial, identificado com Lenine, no primeiro andamento, particularmente no efeito (sarcástico?) do uso das madeiras na primeira secção, que parece nunca “encaixar” com a sua apresentação inicial nas cordas e, depois, nas sonoridades dos instrumentos de metal. Compare-se, ainda, com o tema do “povo” (que aparece a seguir nas cordas graves e faz lembrar os “hinos” dos últimos andamentos da Nona Sinfonia de Beethoven e da Primeira de Brahms) e com a sua rápida transformação em tema heróico quando é instrumentado nos metais. Nas mãos do artista do grotesco que é Chostakovitch, nada é nunca o que parece.

A Sinfonia foi estreada e difundida em concerto por toda a União Soviética, mas não obteve o sucesso oficial atingido, por exemplo, pela Sinfonia n.º 11. No Ocidente, a sua recepção esteve condicionada pelo conteúdo ideológico. O seu carácter oitocentista e programático, aliás, também não podia ser um elemento apelativo, sendo contemporânea de obras como *Kontakte* (1960), de Stockhausen; *Atmosphères* (1961), de Ligeti; *Jogos Venecianos* (1960-1), de Lutosławski; ou, inclusivamente, do *War Requiem* (1961-2), de Britten, um compositor com simpatias comunistas e amigo de Chostakovitch.

Michael Sanderling *direcção musical*

Michael Sanderling é Maestro Titular da Filarmónica de Dresden desde 2011. É também convidado frequentemente para se apresentar nos principais centros musicais do mundo, dirigindo orquestras de renome tais como a Orquestra da Tonhalle de Zurique, Orquestra da Konzerthaus de Berlim, Filarmónica de Munique, Sinfónicas de Bamberg, Viena e Toronto, Sinfónicas Yomiuri Nippon e NHK de Tóquio e Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, além das principais orquestras das rádios alemãs.

Natural de Berlim, Michael Sanderling foi músico de orquestra e conquistou entretanto um lugar no restrito grupo dos maestros de topo. Em 1987, com apenas 20 anos, tornou-se violoncelo solista da Orquestra da Gewandhaus de Leipzig sob a direcção de Kurt Masur; entre 1994 e 2006, ocupou a mesma posição na Sinfónica da Rádio de Berlim. Enquanto solista, apresentou-se com vários agrupamentos incluindo a Sinfónica de Boston, Filarmónica de Los Angeles e Orquestra de Paris, tendo sido membro do agrupamento de música de câmara Trio Ex Aequo durante oito anos.

Foi num ensaio da Orquestra de Câmara de Berlim, em 2000, que Michael Sanderling subiu ao pódio como maestro pela primeira vez. Familiarizado com esse trabalho desde a infância, uma vez que é filho do lendário Kurt Sanderling, foi aceitando cada vez mais trabalhos de direcção e foi nomeado maestro titular e director artístico da renovada Kammerakademie Potsdam em 2006. Teve sucesso como maestro de ópera ao dirigir *The Fall of the House of Usher* de Philip Glass em Potsdam e uma nova produção de *Guerra e Paz* de Sergei Prokofieff na Ópera de Colónia.

Como violoncelista e como maestro, gravou em CD obras importantes do repertório, incluindo compositores como Dvořák, Schumann, Chostakovitch, Prokofieff e Tchaikovski. Deixou, contudo, de se apresentar como violoncelista há vários anos.

Michael Sanderling tem especial interesse no trabalho com jovens músicos. Lecciona na Universidade de Música e Artes do Espectáculo de Frankfurt e trabalha regularmente com a Bundesjugendorchester, Orquestra de Jovens Jerusalém Weimar, Junge Deutsche Philharmonie e Orquestra do Festival de Schleswig-Holstein. Entre 2003 e 2013 foi Maestro Titular da Deutsche Streichphilharmonie. É reconhecido pelos seus ensaios meticolosos, com a capacidade de fazer deflagrar verdadeiro fogo musical nos concertos. Os seus horizontes musicais vão de Bach e Handel até à música contemporânea, tendo apresentado várias obras em estreia mundial. Um dos seus grandes objectivos é o contínuo desenvolvimento da flexibilidade sonora e do estilo da Filarmónica de Dresden.

Benedict Kloeckner *violoncelo*

Benedict Kloeckner nasceu em 1989 e é laureado do Prémio das Rádios da União Europeia (Bratislava), do Grand Prix Emanuel Feuermann (Berlim), do Concurso Internacional de Solistas Animato (Zurique), do Prémio Nicolas Firmenich (Festival de Verbier, Suíça) e do 1º prémio no Concurso Internacional de Música de Manhattan (Nova Iorque). Foi também galardoado com o Prémio Europeu de Cultura da European Culture Foundation.

Enquanto solista, Benedict Kloeckner tem-se apresentado com orquestras de todo o mundo: Sinfónicas da Rádio NDR, da Rádio Alemã, Estatal Alemã e da Rádio de Leipzig, Kremerata Baltica, Orquestra da Rádio Eslovaca e Orquestras de Câmara de Amesterdão, Berlim e Praga, sob a batuta de maestros como Michael Sanderling, Howard Griffiths, Heinrich Schiff, Simon Gaudenz e Karl Heinz Steffens. Toca regularmente em salas como Philharmonie e Konzerthaus de Berlim, Festspielhaus de Baden-Baden, Tonhalle de Zurique, Laeizhalle de Hamburgo, Mozarteum de Salzburgo, Gewandhaus de Leipzig, Concertgebouw de Amesterdão, Rudolfinum de Praga, John F. Kennedy Center de Washington, Symphony Hall de Chicago, Carnegie Hall de Nova Iorque, Barbican Centre de Londres e Centro de Artes de Seul.

Desenvolve parcerias de música de câmara com músicos como Sir Andrés Schiff, Anne Sophie Mutter, Gidon Kremer, Christoph Eschenbach, Anna Fedorova e Antoine Tamestit. É regularmente convidado para se apresentar em festivais de música prestigiantes: Verbier, Schleswig-Holstein, Beethovenfest em Bona, Ludwigsburg, Schwetzingen, Gstaad e Mecklenburg-Vorpommern, entre outros.

Entusiasta da música contemporânea, interpretou recentemente o Concerto para violoncelo *Temptation* e o *Duo Concerto* de Wolfgang Rihm. Gravou para a Genuin, em cooperação com a SWR, a integral para violoncelo e piano de Howard Blake – compositor que lhe tem dedicado numerosas obras.

A discografia de Benedict Kloeckner inclui um CD de concertos italianos de Roberto Molinelli e Gian Carlos Menotti, a convite de Gidon Kremer, com a Kremerata Baltica dirigida por Heinrich Schiff; o Concerto de Schumann com a Orquestra Filarmónica de Cordas Alemã dirigida por Michael Sanderling (Genuin), uma gravação largamente elogiada pela imprensa internacional; obras raras de compositores espanhóis (Hänssler Classic); e peças para violoncelo de Rihm, Strauss e Poulenc (Movimentos Edition), num disco nomeado para o Prémio da Crítica Discográfica Alemã. No Outono de 2016 lançou um novo disco de música de câmara em parceria com Anna Fedorova, com Sonatas de Franck e Chopin para violoncelo e piano.

Entre 2002 e 2009, Benedict Kloeckner estudou com Martin Ostertag na Hochschule für Musik em Karlsruhe. Prosseguiu os estudos com Frans Helmerson e Gary Hoffman no âmbito do programa Kronberg Academy Masters, com o apoio de uma Bolsa Angela Winkler. Foi ainda galardoado com bolsas Fundação Nacional Alemã de Mérito, Fundação do Banco Estatal de Baden Württemberg, Oscar und Vera Ritter Stiftung e Deutsche Stiftung Musikleben.

Benedict Kloeckner toca num violoncelo italiano de Francesco Rugeri (Cremona, 1680), beneficiando de um empréstimo generoso da Deutsche Stiftung Musikleben.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, George Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid,

Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

Astemporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Afonso Fesch*
Radu Ungureanu
José Despujols
Tünde Hadadi
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Emília Vanguelova
Ianina Khmelik
Vladimir Grinman
Catarina Resende**
Andras Burai
Tiago Moreira**
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Paul Almond
Vítor Teixeira
Nikola Vasiljev
Gabriela Peixoto**
Domingos Lopes
Natália Ribeiro**
José Sentieiro
Jorman Hernandez*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov*
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
Hrant Yeranossyan
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Ana Mafalda Monteiro**
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*
João Fernandes*
Daniel Alves**
Joana Vaz**

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Luciano Cruz*

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Pedro Miguel Silva
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Ivan Crespo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*

Harpa

Ilaria Vivan

Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

**estagiários Escola Superior de
Música, Artes e Espectáculo do
Instituto Politécnico do Porto

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AGEAS PORTUGAL,

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CERELIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

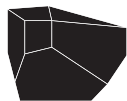
PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

